

Collecção Silva Vieira

**Folk-lore
e dialectologia
de Espozende**



5

Principal
entura





ARMANDO DA SILVA



Collecção Silva Vieira

FOLK-LORE
E DIALECTOLOGIA
DE ESPOZENDE
(Noticia bibliographica)

por

Armando da Silva



Espozende
1890



L I V R A R I A
O L I S I P O

R. da Trindade, 17
1200 LISBOA

60
SIV-15
Collecção Silva Vieira

FOLK-LORE

E DIALECTOLOGIA

DE ESPOZENDE

(Noticia bibliographica)

por

Armando da Silva

ESPOZENDE
1890



Ao seu amigo

J. da Silva Vieira

o infatigavel collecter das tradições
esposendenses

off.

O A.

FOLK-LORE E DIALECTOLOGIA DE ESPOSENDE

(A proposito dos *Materiaes para a Historia das Tradições populares do concelho d'Espozende*, por José da Silva Vieira, Espozende, 1888.—1 vol. in 32, 114 pag.)

I

O meu amigo sr. José da Silva Vieira, apaixonado collecter das tradições populares do Minho, mandou-me, este seu muito interessante trabalho, que constitue o primeiro volume da *Bibliotheca Folklorica Portugueza*, criada com o fim de continuar o estudo demopsychologico do povo portugûês, tão brilhantemente iniciado por Garrett,

com o *Romanceiro*, e proseguido depois por alguns dos nossos mais illustres homens de letras.

Contem o opusculo, que é uma contribuição valiosa no dominio da ethnologia nacional, alem do Preambulo, a que farei algumas restricções, mais cinco partes: Cancioneiro, Orações, Adivinhas, Dictados topicos e Glossario.

A primeira é formada por 146 cantigas populares espozendenses, que acrescentam o contingente já trasido a lume pelo sr. S. V., no *Ramalhete de Canções populares colhidas no concelho d'Espozende* (pequeno folheto, publicado no anno anterior), e na *Revista do Minho*, n.^{os} 11, 12 e 13 do vol. III. O cancionero popular, em que abundam trechos d'um lyrismo delicado e natural, cheios d'um sentimento tam ingenuo e doce que prende o artista, é onde melhor se espelha a grande alma anónima, que tambem tem os seus arroubamentos, os seus delirios de amor, e até um inconsciente

culto pantheista. (Cf. «Obs. sobre as cantigas pop.», lucidissimo artigo do sr. Leite de Vasconcellos, na sua *Rev. Lusitana*, I, 143 sqq.) A quadra seguinte, transcripta da nova collecção do sr. S. V., comprova a ultima destas afirmações:

Fui ao jardim passeiar,
Espalhar a minha dôr;
Encontrei o teu retrato
Na mais mimosa flor.

(N.º 123.)

Cheia de graça e doçura como poucas, é igualmente uma cantiga que se diz no *baile das Vaccas* da ilha do Pico, e que pertence a uma trova nacional que o poeta do *Child Harold* tradusio para o inglez, nas suas *Occasional Pieces*; eis como ella diz:

Tu me chamas tua vida,
Eu tua alma quero ser;
A vida é curta, e acaba,
A alma não pode morrer.

(Apud Alberto Telles,
Lord Byron em Port.,
p. VII.)

As nove cantigas que fecham a primeira parte dos *Materiaes* (n.ºs 139 a 147), imbora recolhidas em Esposende, são originarias do Brasil, e por isso representam um fenómeno actual de transmissão das tradições por meio dos emigrantes, que, ao cabo de annos de lucta, voltam á patria, saudosos do viver da terra natal, e trasendo consigo, mesmo sem o saberem, profundas reminiscencias do vasto e rico thesoiro tradicional desse povo nosso irmão, com quem elles, a pouco e pouco, se tinham ido identificando.

Para se proceder a uma systematisação methodica no nosso cabedal tradicional, será preciso tratar com certa larguêsa desta complexa questão fundamental da ethnologia portugueza, que decerto o é a influencia reciproca que os dois povos se exercem entre si. Principalmente

nos Açores, onde existe uma forte corrente de emigração para S. Paulo, Santos, Ceará e Pernambuco, este facto é manifesto, como já parece ter querido deixar entrever o sr. Theophilo Braga, numa nota aos *Cantos pop. do Brazil* coligidos pelo dr. Sylvio Romero, II, 196 sqq. No arquipélago adjacente tais relações ethnicas não são, aliás, apenas de ordem folklorica: no dialecto açoriano, ainda quasi completamente desconhecido para a sciencia, existem ellas bem evidenciadas. Tentei resolver este importante problema historico, num pequeno trabalho que preparo para a impressão, e que terá por titulo: *Relações glotticas e ethnologicas entre os Açores e o Brasil.*

Na segunda parte, publica o devotado folklorista seis orações, com duas variantes. Parece-me que se pode estabelecer correlação entre as duas versões da oração a Nossa-senhora e os ultimos dias das endoenças—sexta-

feira, sabado e domingo (1) da semana santa.— Sobre o padre-nosso pequenino cf. um artigo meu, no n.º 1 do vol. V da *Rev. do Minho*, que deve ser reproduzido muito augmentado, no meu livro sobre a litteratura oral do concelho do Fundão; da salve-rainha pequenina publiquei tambem uma variante açoriana, na mesma folha, n.º 5 do II anno (1886). Ambas estas especies que ultimamente citei me parecem melhor classificadas como parodias populares; vid. a este proposito o que diz Th. Braga, *Cantos pop. do arch. açoriano*. p. 391. As duas ultimas desta secção não são igualmente orações; demonstra-o inclusivamente o verso final da segunda dessas parlen-das:

Zora, zora, . . . acabou a historia.

(1) O povo considera o domingo como o ultimo dia da semana,—o setimo dia biblico,—o dia do descanso, i. é, o sabado dos judeus. Sobre a semana vid. um artigo de Leite de Vasc., in **Folk-Lore Andaluz**, p. 210; etc.

A terceira parte contém 27 adivinhas.

Ouvi, por causa de algumas paginas d'esta secção, taxar de *indecente* o livro do sr. S. V., nem que porventura uma obra de sciencia (de que não deve excluir-se qualquer dado só porque envolve uma idea menos delicada) esteja destinada para leituras moraes de donzellas piedosas.

Da adivinha do sino:

Que é, que é:
Uma bôca que tem só um dente
E chama por toda a gente?

(p. 69)

conheço varias versões estrangeiras, citadas por Th. Braga, in *Era Nova*, p. 459 sq., e no *Povo Portuguez*, II, 389, onde veem tambem outras tres variantes portugûsas. Das estrangeiras a que mais se aproxima da versão do sr. S. V. é uma da Galisa, que traz Demofilo (sr. Machado y Alvarez) na sua *Collec-*

cion d'enigmas:

Quen c'un dente
Chama pela gente?

(loc. cit, p. 354.)

Da da agulha enfiada, a p. 67, de que há outra variante portugêsa, dada também pelo sr. Th. Br., *P'ovo Port.*, II, 391, n.º 49, traz Sauv , in *Devinettes bretonnes*, p. 95, uma vers o, e Demofilo outra, gallega, que   duma completa semelhan a.

De burato en burato
Vai co'as tripas arrasto?

(ibid., p. 344

As tres ultimas especies (p. 70 sqq.) ficariam melhor nomeadas como problemas.

Igualmente a denomina o de Dictados Topicos, posta   quarta sec o, n o lhe compete. O sr. Leite de Vasc., em 1882 (Barcellos, typ. da *Aurora do Cavado*) publicou um op. de 21 paginas,

onde, sob o titulo de *Dictados Topicos de Portugal colligidos da tradição oral*, colleccionou: a) elogios ás terras; b) apódos ás terras; c) referencias diversas que não são propriamente nem elogios nem apódos; cf. Adolpho Coelho, *Anuario p. o estudo das trad. pop.* p. 47 sq. Era este mesmo grupo folklorico que o sr. Sidney-Hartland propunha, em 1884, no *Folk-Lore Journal*, órgão da Folk-Lore Society de Londres, se chamasse «local saws» (apud *Boletim folk-lorico español*, p. 19.) Ora, na colleção do sr. S. V. apenas ha tres exemplos do genero que acabo de determinar, e o resto são refranes e formulas infantis. A. p. 77 vem, por ex.:

Quem nos salva é a fé
«nanjá» páo da barca.

O sr. Th. Braga, nos seus *Contos tradic.*, I, p. XLIX, julga que este annexim é o resto d'um conto totalmente perdido na tradição portugûesa, mas que eu

encontrei, na ilha de S. Miguel, como reconstitúo aqui: «Uma rapariga que estava muito doente, e já desenganada dos medicos, pediu ao noivo, que ia a Jerusalem, que lhe trouxesse da cidade santa um pedaço da madeira da cruz em que Christo foi pregado, para tomar em vinho, a ver se assim melhorava. O namorado esqueceu-se do pedido da moribunda e, na volta, cortou um bocado da madeira do navio em que vinha, para enganar a rapariga, e como esta se achasse curada completamente depois de o tomar, dissolvido em vinho, elle então commentava:—*A fé é que nos salva neja* (2) *o páo da bar-*

(2) **Neja**,—forma antiquada, que traz Viterbo, no **Elucidario**. Cf. as conjunções adversativas **nanja e nega** (obsoleta). Em Gil Vicente vem (apud. A. M. Baptista, **Ling. port.**, p. 52):

Meu pai er tem bem de seu

E não tem filhos **nega** eu.

Nanja é um composto de **não e já**, como reconheceu Neves Pereira, já no seculo passado; vid. D. Carolina Michaelis «Port. Etymologien», in **zei-**

ca.— Na Italia corre o adagio na forma

Siropo de barcazza
la freve descazza;

e Bernoni recolheu o conto em Veneza (apud Gubernatis, *Myth. des Plantes*, I, 17. Sobre os adajios originados de contos, e vice-versa, cf. Ad. Coelho, *Rev. de ethn. e de glottologia*, pag. 139 sqq.—A p. 78, o sr. S. V. annota a frase *arma de Santo Estevam* dissendo que se chama assim a uma pedra, mas esquece-se de recordar, como convinha, a historia d'este mártir do calendario romano, que foia pedrejado, como deve referir o *Flos Sanctorum*, no lugar respectivo. (3)

tsehr f. rom. Phil., VII, 105.

(3) Sobre o lugar de Santo Estevam no calendario popular, não tenho, n'esta ocasião, ensejo para proceder a indagações longas. Cs. Th. Br., **Povo Port.**, II, 330 sq., onde se cita o **Alm. de Lembranças** para 1867, pag. 379.

II

A' parte V, o Glossario, que termina o interessante voluminho do incansavel folklorista miúdo, farei algumas correccões, dando aqui uma reedição critica da maior parte do vocabulario do sr. S. V. Os tres grupos dialectaes em que se desdobra o portuguez estão, na sua maior parte, por estudar ainda, sendo por isso da maior importancia to-

das as contribuições applicadas a esse fim; o Glossario do sr. S. V. seria, pois, um grande serviço prestado aos dialectólogos, se as inexactidões e deficiencias não tornassem este trabalho quasi inaproveitavel para os estudos philologicos.

A ordem da colocação dos termos, que devia ser rigorosamente alfabetica, foi, algumas veses, descurada pelo distincto colector interamnense; e ha varias coisas que deviam ser excluidas: por ex. palavras que não são populares, ou que, tendo essa origem, estão hoje aclimadas na lingoagem erudita, e os factos que obedecem á mesma lei grammatical, cujo amontoamento se torna, portanto, desnecessario. Estão no primeiro caso, os vocabulos seguintes: arriba, cangaço, cangosta, cascudos, cata (antiq.), catar, chavella, embarrar, escantilhão, escorreito, estonar, louceiro, quedou, rasão, raza, redor, sebento, terrea, tona, toro, xincalhada (que deve escrever-se: chincalhada) e zarolho; no



segundo estão: bermelho, Biana, binho, etc., que são outras tantas reproducções do fenómeno de inversão constante do *b* e do *v*, que é um característico essencial da linguagem do norte do paiz, como já notava João Franco Barreto. (4) Sobre esta pronuncia especial veja-se Gonçalves Vianna, no *Posit.* IV, 80, que a fixa ahí em bases que me parecem muito sensatas, explicando-lhe a lei de producção. Na *Rev. do Minho*, (n.º 5 do VI anno) reunio um bom numero de exemplos deste caso classico, no Alemtejo, o incansavel folklorista elvense sr. A. Th. Pires.

Alem dos inconvenientes já apontados o glossario esposendense organizado pelo sr. S. V. traz varias definições erradas, e por isso as presentes notas, suscitadas n'uma primeira leitura, de-

(4) A p. 171 da sua **Ortographia da Lingua Portugueza**, Lisboa, 1671:—«os nossos Beirões & dentre Douro & Minho trocam o *b* por *v* & o *v* por *b*.»

vem ter alguma utilidade, quando conferidas com elle, que ellas emendam e completam em parte.

O signal algebrico==(igual a...) é adoptado para simplificar a indicação da synonymia, i. é, mostrar a equivalencia litteraria dos termos populares.

Notarei tambem que o melhor systema a seguir na organização dos vocabularios consiste em apresentar os verbos no infinito, porque no caso contrario, pode pensar-se, com razão, que a deturpação popular se dá apenas no modo e tempo empregados; o sr. S. V. transcreve, p. ex. a forma *acredita* (=pop. *acardita*), que é o presente do indicativo, em vez da forma *acreditar* (=pop. *acarditar*), e *figura* (=pop. *fugura*) em vez de *figurar* (=pop. *fugurar*).

Seguem as minhas correccões.

agantar==aguentar

Albertulo==Alberto; ex. duma

ordem de factos vulgares na linguagem popular de alguns pontos do paiz. Leite de Vasc., in *Dial. interamn.* III *Ling. pop. de Baião*, gloss. s. v., sugere que a terminação poderá corresponder ao latim *ulus*, e manda cfr. Diez, *Gramm. des lang. roman.*, II, 298-299.

aldeia; a grafia *aldêa* é que é errada. Não se dirá antes *aürdeia*, ou então *aldeia*?

almoxaris=almofariz; de *almo-fariz* (vaso em que se trituram substancias) se fez *almoxaris*, talvez por influencia de *almoxarise*, (administrador de propriedades reaes). Ambas as palavras são de origem arabe, e sobre as suas etymologias, diferentes, pode ver-se Fr. João de Souza, *Vestig. da ling. arabica em Port.*, s. v. respectivos (a edição de meu uso é a 2.^a, augmentada e annotada por Fr. José de Santo Antonio Moura, e impressa, por ordem da Academia, em 1830).

almuçar=almoçar; compare com o hispanhol *almuersar*, que como o portuguez *almoçar*, vem do latim *admorsus*, conforme explica Ad. Coelho,

A ling. port, 2.^a ed., p. 150 sq. No galêgo ha *admorsus*, paralelamente com *almorzo*.

aquellar; significa «fazer alguma coisa», acepção em que se usa tambem em Ponte do Lima, sec. Leite de Vasc., *Dial. interamnenses*, IV-VII, p. 7 sq., que escreve *aqellar*, e o cita como já indicado por Nuñes no *Dicc. gallego*.

arriba=acima.

arrigar=arrancar; provém evidentemente de *arreigar*, passando pela forma *arraigar*, mas dando-se-lhe significação totalmente oposta; *arreigar* exprimia antigamente a mesma ideia que agora se expressa por *desraigar*, cf. Ad. Coelho, *Quest. da ling. portug.*, p. 44.

ascordar=acordar; indicado já por Bluteau, apud L. de Vasconcellos, loc. cit., VIII.

azemola=azémula; significa besta de carga, e, figuradamente, pessoa sem prestimo. Vid. *Positivismo*, IV, 497.

Como vóz africana a dá J. de Sousa, na forma *azzamla*, nos seus *Vest. arab.* cit.

badejo = bacalhão; o badejo é um peixe gadida, e da sua semelhança com o bacalhão deve provir o darem a este o seu nome, usado, no mesmo sentido, pelos garotos do Porto, apud L. de Vasc., «Giria Port.», in *Rev. do Minho*, I, 63.

belota; é a glande do carvalho e do asinheiro; o sr. S. V. diz ser o «fructo dos sobreiros». Nos Açores diz-se *bolota*; e no Algarve *bolleta*, apud Gonç. Vianna, *Posit.* p. 495, t. IV. No dialecto açoriano deu-se a mudança de e atono para o, i. é, para u reduzido, o que representa um caso de labialização de vogal atona; cs. o estudo de Cornu, in *Romania*, t. X. A grafia, na fala de Esposende, deverá ser antes *bolota*.

bôda; banquete de casamento; é o feminino de *bôdo* (=lat. *votum*). Vid. Ad. Coelho, *Rev. Scientifica*, p. 287, e Leite de Vasc., *Dial. minhotos*, I II, p. 18.

cadro,=quadro; ha varios exemplos d'esta reduçãõ de *qu* para *c*. Vid. L. de Vasc., *Dial interamn.*, vocab. de Ponte-do-Lima.

calhandra, mulher alta, desageitada do corpo e trajo; talvez originado de *calhandro* (vaso grande de forma cilindrica para despejos). Em Ponte-do-Lima, e em outras partes, diz-se *calhastrós*, apud L. de Vasc.

carpiar=carpear, v. a.; é o mesmo que carmeiar, tirar os nós à lâ; na ilha de S. Miguel diz-se *cardar*.

carpir é voc. erudito. Diz o sr. S. V. que ainda hoje é muito vulgar, em diferentes aldeias do Minho, convidar-se mulheres para carpirem, quando morre qualquer pessoa. O uso das carpideiras foi prohibido, com pesadas penas, por uma postura da camara de Lisboa de 1835: «por que o carpir e debenar sobre os finados he costume que descende dos gentios e he uma especie de idolatria, e he contra os mandamentos de Deus. . .» (apud Ad. Coelho «Ethn. Port.» in *Bolet. da Soc. de Geograph. de Lisboa*, 2.^a serie, n.º 6).

Este uso remonta aos egipcios e romanos, mas acha-se ainda vivo em varios paizes da Europa. Cf. Th. Br., *Hist. da poes. pop. port.*, p. 67 e 99, e L. de Vasc., *Trad. pop. de Port.* p. 245 sqq. Com este uso deve cotejar-se o romance da «Viuva resignada», mais vulgarmente chamado «Maravilhas do velho», do qual ha diversas variantes portuguezas, e versões suissas publicadas por J. Cornu, *Romania*, IV, 216-217.—Cs. mais Ad. Coelho, «Rom. pop. e rimas inf. port.» n.º VIII, in *Zeitschr. f. rom. Ph.*, III (1879), p. 68-69; L. de Vasc., *Rom. pop. port.*, (extr. da *Aurora do Cavado*), n.º II; A. Th. Pires, in *Elvense*, n.º 459; *Rev. do Minho*, v. I, p. 45-46; *Pantheon*, p. 82 sqq.

caurdo=caldo; absorpção do *l* por *ur*, ordem de factos que creio ser bastante vulgar nas lingoas de Entre Douro e Minho, nas quais existem as formas *áur*, *ír*, *óur*, *ur*, correspondendo a *al*, *il*, *ol*, *ul*.

carunho, a semente de algumas fructas, como a cereja, ameixa, pecego, etc., sec. S. V. Em Rio Frio chama-se

carunha á pevide de maçã, apud Gonç. Viana, «Materiaes p. o est. dos dial. port.» in *Rev. Lusitana*, 1, p. 207.

cerne é termo botânico, formado da raiz latina *cernere* (=separar).

chamiça, sujeito que tem muito dinheiro; diz-se também: tem muita *chamiça*; *chamiço*, é um s. m., dado pelos dictionarios com a significação de lenha meio queimada para faser carvão, gravetos,— e *chamiça*, como s. f., junco bravo, o atilho feito d'este junco. Em Moimenta, apud Gonç. V., loc. cit. p. 208, *chamiço* é lenha miuda, meio queimada; no Fundão *chamiça* é lenha para o lume; em Roça (c. de Vieira) chama-se *canguiço* (*cangliço*) á lenha miuda. Na lingoagem usual emprega-se *chamiço*, galego *chamizo*.

derrancar, não é pop. na accepção de estragar; no Baixo Douro corresponde a «azedar o vinho no pipo», apud. Bernardes Branco, *Panorama*, v. 18, p.168.

eido; em S. V.: «chama-se a um

recinto ou pequeno casebre para guardar cebados (*sic*), que mais propriamente se chama córte; eido na linguagem litteraria significa pateo; em Vieira, sec. L. de Vasc., è quinteiro. A sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, in *Studien zur Hispanischen Wortdeutung*, s v., propõe para eido o etymon *aditum*.

eil-o, contracção da interjeição *eis* e do pronome *o*: eis o; a definição do sr. S. V.: «o que aparece à primeira vista», é, portanto, incompreensível.

gaipira, na linguagem de Esposende: «sujeito mesquinho»; na linguagem popular de Ponte-do-Lima existe *caipira* com a mesma significação, L. de Vasc., *Dial. interann.* IV. Nos Açores *caipira* equivale a larapio; no Brasil toma-se vulgarmente na accepção de ignorante e ronçeiro. O general Beaurepaire-Rohan, no seu *Dicc. de voc. brasileiros*, apresenta a seguinte definição: «Caipira, s. m. (S. Paulo) nome com que se designa o habitante do campo. Equivale a Labrego, Aldeão e Camponez em Portugal; Roccoiro no Rio de

Janciro, Matto Grosso e Pará; Mattuto em Minas-Geraes, Pernambuco, Parahyba do Norte, Rio Grande do Norte e Alagoas, etc.». Este indionista indica para origem de caipira os vocabulos *caúpora* e *curupira*, mas, o sr. J. N. Stag, in *Correio Paulistano*, n.º 10.093 de 1 de maio de 1890, diz: «pensamos que o vocabulo vem de—*caúpi*—ou—*caúipi*—=carpir lavrar a terra, e, portanto, *lavrador*, *campones*, (Montoya—*Arte de la Lengua Guarani*).»

galhos, «gaita de boi»; chifres de ruminante, chamados, em outras partes, *chaves*, *páos*, *armação*, *gaitas*, etc.

gulatão=gulotão.

infusa=quartinha, cantaro pequeno; ja vem em Bluteau, apud L. de Vasc., *Dial. Interamn.*, VIII.

Jabel=Isabel; diz-se tambem, em Esposende, *Zabel* e *Inzabel*; Bluteau traz *Jabel*. L. de V., *Dial. interamn.*, III, traz *Jabel*, e julga que existisse a forma intermedia *Ijabel*. Sobre *Zabel*, cf. *ibid.*, id.: «Na *Chronica*

dos Carmelitas, de Fr. José Pereira de Sant'Anna, Lisboa, 1745, pag. 919, lê-se numa carta attribuida ao Condestavel D. Nuno, *Zavel*.»

Jacintro==Jacinto. No norte diz-se tambem *Jacindra* (=Jacinta).

jintar==jantar; talvez *jeintar*.

Madanélla==Magdalena; metathese vulgar em quasi todo o pais.

mafarrico==diabo. (Publicarei breve um artigo sobre os nomes do diabo, para o qual ja recolhi bastantes materiais.)

pantalonas==calças; é termo antiquado; cf. o hispanhol *pantalon*, e o francez, identico.

Quim==Joaquim; cf. o hispanhol *Quin*. No crioulo portuguez da ilha de Santo Antão (Cabo-Verde) existe *Quinquina* (=Joaquina), apud Ad. Coelho, *Os dial. romanicos na Africa, Asia e America*, 1.º artigo.

raza==alqueire.

táméim=tambem.

teiroga, diz S. V.: «pessoa alta e «disforme»; em Bluteau: *teiroga* (=teima).

tramblazaina, «pessoa mal ageitada»; talvez *tramblazana*, como em Ponte-do-Lima.

tremunhado, aparelho dos moinhos; «sitio onde se põe a ceira do aseite, em volta do altar», em Ponte-do-Lima, apud L. de Vasc..

tupada, pancada de encontro ao pé; na Beira *tupadella*; nos Açores *topada*.

ubeira, arvore com vides; mudança do *v* de *uveira* em *b*. *Uveira* é um derivado de *uva*, evidentemente.

Ao terminar a apreciação dos *Materiaes p. a historia das trad. pop. do c. d'Espozende*, resumirei o que deixo escripto, dizendo que o op. do sr. S. V., aparte algumas deficiencias e er-

ros, a que o auctor não tinha probabilidades de fugir, vivendo isolado num meio quasi sem cultura, é uma excelente colheita folklorica, de muita utilidade para os que se dedicam a esta ordem de estudos, que são a base logica da critica historica e litteraria, como acertadamente disse o sr. Ramalho Ortigão. No preambulo do seu livro, o sr. S. V. diz que a riquêsa tradicional de Portugal pôde equiparar-se ás da Hispanha, França e Inglaterra (p. 8). Não percebo, do mesmo modo que acho errada a afirmação do dr. G. Le Bon, no seu estudo anthropologico sobre a raça dos montes Tatra, de que «la Galicie et l'Ukraine sont les derniers réfuges, en Europe, des fées, des sorciers, des loup-garoups, et des puissances magiques de toutes sortes qui nous reportent en plein moyen âge».

Todas as nações, ainda aquellas em que a civilisação se encontra mais adiantada, possuem um vastissimo thesouro tradicional, que é, na sua quasi totalidade, composto por factos de revivescencia, e não comprehendendo como se possa dizer qual o paiz que o tem maior ou qual o que o tem menor; á asseveração infundada do sabio anthropologo francez

(além de anteriormente já ter sido irrecusavelmente assente o contrario pelo dr. Hermann Heinrich Ploss, cit. pelo sr. Consiglieri Pedroso, in *Constit. da familia primitiva*. p. 10) responde triunfantemente a *Hist. du merveilleux dans les temps modernes*, de Louis Figuier, que, aliás, é apenas um generalizador de merecimento relativo, algumas veses até embaído pelos seus prejuizos religiosos. E' certo, porém, que temos um grande campo de exploração aberto aos collectores do saber popular, e que convêm proseguir essa investigação com criterio e com amor; a «Bibliotheca folklorica portugûesa», iniciada pelo benemerito director da *Rev. do Minho p. o estudo das trad. pop. port.*, parece-me que concorrerá muito para satisfazer esta necessidade, e creio até que de uma maneira mais completa e mais aproveitavel do que a *Revista*, onde só ha cabida para pequenas contribuições, que ficam dispersas. Seria conveniente mesmo, na minha opinião, já exposta algures, dar a cada n.º da «Biblioth.» uma feição especialmente local, como se fez com o primeiro, não misturando n'um mesmo tomo materiais

pertencentes a regiões ethnographicas diferentes. (5)

(5) O trabalho honesto e indefesso do sr. S. V. foi acusado de desleal, numas pretendidas Correcções publicadas pelo sr. Candido Landolt, num jornal da Povoa de Varzim, em 1888. Esta acusação não passa dum expressivo documento de apoucamento intellectual de quem a fez. Vid., a este respeito, o que escreveu o sr. L. de Vasconcellos, na **Rev. do Minho**, anno VI, n.º 5.

§ Fim §

NOVIDADES FOLK-LÓRICAS

REVISTA DO MINHO

para o estudo das tradições populares

1.º anno—Preço.....	600 reis
2.º anno (9 n.ºs).....	225 reis
3.º anno (14 n.ºs).....	350 reis
4.º anno (12 n.ºs).....	300 reis
5.º anno (22 n.ºs).....	460 reis
6.º anno (em publicação)	24 números.....
	500 reis

Ramalhão de Canções populares

colhidas no concelho d'Espozende

Preço avulso 60 reis

Bibliotheca Folk-lórica Portuguesa

1 volume publicado

Materiaes para a historia das tradições populares do Concelho d'Espozende

Avulso..... 200 reis

Colleção Silva Vieira

1.º vol. **As Brotas**, por Soeiro de Brito.

2.º vol. **Linguagem Infantil**, por Soeiro de Brito.

3.º vol. **Poesia Popular Alemantejana**, por Soeiro de Brito.

4.º vol. **Folk-lore e dialectologia de Espozende** (noticia bibliographica), por Armando da Silva.

5.º vol. a sahir do prélo: **Astronomia e Meteorologia popular alemantejana**, original de Soeiro de Brito.

6.º vol. no prélo: **A Opala**, por M. M.

Cada serie de 10 n.ºs por assignatura custa 600 rs. Avulso, 1200 rs. Cada n.º 160 rs., sendo o pagamento para qualquer d'estas publicações feito adeantadamente.



S
Biblio
Manuel